



UEPB

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS I – CAMPINA GRANDE
CENTRO DE EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE LETRAS E ARTES
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS - PORTUGUÊS**

ANA PAULA DOS SANTOS GUEDES

**A RESISTÊNCIA DE MULHERES NEGRAS NAS REDES SOCIAIS: UMA
LEITURA DE POEMAS DE MEL DUARTE E RYANE LEÃO**

**CAMPINA GRANDE/PB
2023**

ANA PAULA DOS SANTOS GUEDES

**A RESISTÊNCIA DE MULHERES NEGRAS NAS REDES SOCIAIS: UMA
LEITURA DE POEMAS DE MEL DUARTE E RYANE LEÃO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Programa de Graduação em Letras da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), como requisito parcial à obtenção do título de Graduação em Letras com habilitação em Língua Portuguesa.

Área de concentração: Literatura.

Orientador (a): Profa. Dra. Silvanna Kelly Gomes de Oliveira.

**CAMPINA GRANDE/PB
2023**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

G924r Guedes, Ana Paula dos Santos.

A resistência de mulheres negras nas redes sociais [manuscrito] : uma leitura de poemas de Mel Duarte e Ryane Leão / Ana Paula dos Santos Guedes. - 2023.

23 p. : il. colorido.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras Português) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2023.

"Orientação : Profa. Dra. Silvana Kelly Gomes de Oliveira
,Coordenação do Curso de Letras – CEDUC."

1. Poesia. 2. Mulher negra. 3. Redes sociais . I. Título

21. ed. CDD 801.1

ANA PAULA DOS SANTOS GUEDES

A RESISTÊNCIA DE MULHERES NEGRAS NAS REDES SOCIAIS: UMA LEITURA
DE POEMAS DE MEL DUARTE E RYANE LEÃO.

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Programa de
Graduação em Letras da
Universidade Estadual da Paraíba
(UEPB), como requisito parcial à
obtenção do título de Graduação em
Letras com habilitação em Língua
Portuguesa.
Área de concentração: Literatura.

Aprovada em: 26/06/2023.

BANCA EXAMINADORA

Silvanna Kelly Gomes de Oliveira

Profa. Dra. Silvanna Kelly Gomes de Oliveira (Orientadora)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Kalina Naro Guimarães

Profa. Dra. Kalina Naro Guimarães (UEPB) – Examinadora

Luciano Barbosa Justino

Prof. Dr. Luciano Barbosa Justino (UEPB) - Examinador

A minha mãe, pela sua força, companheirismo e amizade,
DEDICO.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Exemplo de Figura	16
Figura 2 – Exemplo de Figura	18
Figura 3 – Exemplo de Figura	19
Figura 4 – Exemplo de Figura	20

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	6
2 O PODER E O LUGAR DE FALA: RYANE LEÃO E MEL DUARTE.....	7
3 POESIA E REDES SOCIAIS	11
4 ESCRITA DA RESISTÊNCIA DE MULHERES NEGRAS: UMA LEITURA DE MEL DUARTE E RYANE LEÃO	15
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	21
REFERÊNCIAS.....	22

A RESISTÊNCIA DE MULHERES NEGRAS NAS REDES SOCIAIS: UMA LEITURA DE POEMAS DE MEL DUARTE E RYANE LEÃO

Ana Paula dos Santos Guedes ¹
Silvanna Kelly Gomes de Oliveira ²

RESUMO

Este trabalho pretende discorrer sobre um estudo temático como, por exemplo, a identidade negra, ancestralidade e resistência em quatro poemas selecionados em obras publicadas e no perfil das redes sociais das escritoras Mel Duarte e Ryane Leão. A referida investigação objetiva discutir sobre as marcas de resistência e força poética de escritoras negras contemporâneas que por anos lutam contra a opressão e por um lugar de direito dentro e fora da literatura. Assim, há como subsídio teórico os conceitos e bagagens que tratam do lugar de fala e da subalternidade no corpo-mulher-negra. A metodologia adotada para a execução desta pesquisa foi de caráter bibliográfico, uma pesquisa dentro da linha de literatura e sociedade que busca reconhecer e interpretar por meio de livros e artigos questões sociais, de gênero, de identidade e da relação entre as obras e as autoras trabalhadas. Além de uma construção feita com o auxílio de nomes como Spivak (2010), Ribeiro (2017), Hooks (2019) entre outros. Com base no resultado das análises que foram realizadas, constatou-se que as escritoras conseguem denunciar o percurso árduo da existência negra por meio da poesia. As observações também apontam para o reconhecimento do corpus social e uma forte resistência frente à subalternidade.

Palavras-chave: poesia; mulher negra; resistência; redes sociais.

ABSTRACT

This paper aims to discuss a thematic study of selected poems from printed works and social media profiles of writers Mel Duarte and Ryane Leão. The investigation intends to examine the marks of resistance and poetic revolution of contemporary black women writers who have been fighting against oppression for years, in order to claim a rightful place within and outside of literature. The theoretical framework for this research includes the concepts of "lugar de fala" (place of speech) and subalternity in the body of black women. The methodology adopted for this research was bibliographic, within the field of literature and society, seeking to recognize and interpret social, gender, and identity issues, as well as the relationship between the works and the authors analyzed. Based on the analysis of poems found on the authors' Instagram profiles and in their published works, it was revealed that they are able to expose the arduous journey of black existence through their poetry. The observations also indicate that the

¹ Graduanda em Letras com habilitação em Português pela Universidade Estadual da Paraíba (UEPB). E-mail: annapaula.santos.guedes@gmail.com.

² Doutora em Literatura e Interculturalidade pela Universidade Estadual da Paraíba. E-mail: silvannaoliveira@servidor.uepb.edu.br.

recognition of social structures and the strong resistance of black women undo the ties of subalternity.

Keywords: poetry; woman black; resistance; social media.

1 INTRODUÇÃO

Entender o processo no qual se deu a literatura negra brasileira é de tamanha complexidade e crítica, um âmbito em que somos tomados por reflexões diversas. Mas, é de comum acordo a realidade de que os criadores, personagens e enredos negros foram calados e apagados da história e quando surgiam, vinham estereotipados e invisibilizados pela forte voz branca do patriarcado. Esse percurso de dualidade nos leva a questionar, seguindo a linha de raciocínio da Conceição Evaristo (2009)

Se, por um lado, tanto as elites letradas como o povo, dono de outras sabedorias, não revelam dificuldade alguma em reconhecer, e mesmo em distinguir, os referências negros em vários produtos culturais brasileiros, quando se trata do campo literário, cria-se um impasse que vai da dúvida à negação (EVARISTO, 2009, p 327).

A presença da mulher na literatura é algo revolucionário, marcada por anos de luta e enfrentamento, que por sua vez carrega a dor e o abafamento de toda uma geração, em particular, a geração feminina negra. A conquista de espaço e a apropriação da escrita literária negra desconstrói discursos já fixados, expandindo os horizontes e marcando um processo de resistência contra a opressão.

O referido trabalho de conclusão de curso apresenta às vozes poéticas de perfis de mulheres negras contemporâneas que trazem em seus repertórios as histórias de força e sobrevivência de suas raízes, utilizando a escrita e, por consequência, a voz como ferramenta de denúncia, esta reproduzida na própria participação e no espaço da mulher dentro da literatura. Nesse viés, será discutido como a literatura tem sido utilizada enquanto mecanismo de luta e resistência, abrindo um leque de discussões acerca de diferentes temáticas.

No tangente às produções literárias, foram utilizados como *corpus* de análise poemas selecionados das obras literárias *Negra Nua Crua* da escritora Mel Duarte, publicado em 2016 pela editora Ijuma e *Tudo nela Brilha e Queima* da escritora Ryane Leão, publicado em 2017 pela editora Planeta, além de poemas que circulam nas redes sociais, na página do Instagram de ambas as autoras. Nas obras e espaços citados, podemos perceber um trabalho voltado para a resistência das mulheres e o desejo de revolucionar a sociedade através das palavras.

A pesquisa em questão culminou no levantamento de um conjunto de textos - livros, artigos, matérias, entrevistas - em que se fez possível construir uma ponte entre as produções das escritoras ativistas com o cenário do movimento literário negro do qual a mulher faz parte. Além das buscas no que marca esse cenário virtual - redes sociais, perfis do Instagram, mercado digital - que cada vez mais se faz presente na divulgação artísticas que envolvem vários nomes literários da contemporaneidade.

Deve-se destacar que a metodologia utilizada para o objeto de análise em evidência preza por um intensivo estudo bibliográfico, de cunho qualitativo, que irá auxiliar no aprofundamento dos nossos entendimentos sobre as ideias que circulam em relação às obras discutidas. Segundo Mello e Silva, “a pesquisa bibliográfica lida com o caminho teórico e documental já trilhado por outros pesquisadores, portanto, trata-se de técnica definida com os propósitos da atividade de pesquisa, de modo geral” (MELLO; SILVA, 2006, p. 61).

Dessa forma, esta pesquisa tem, por objetivos, evidenciar a denúncia contra a opressão nas produções das escritoras Ryane Leão e Mel Duarte, enaltecendo a potência da resistência negra por meio da poesia; refletir e discutir as produções poéticas, de modo a reconhecer as marcas de identidade, raízes e raça e anunciar essas vozes como forma de ameaça às estruturas sociais historicamente impostas; além de observar o espaço digital como novo modelo de promover a literatura.

Ademais, são observadas as noções e os modelos reproduzidos ao longo dos anos no que cabe os conceitos em torno do lugar e poder de fala atrelados aos discursos dentro da literatura e que marca o gênero feminino, a classe negra dada como minoria, os povos subalternos. Assim, são estudadas as teorias que ganham destaque ao lembrarem que nossa sociedade foi erguida em cima de forças e vozes masculinas. Ressaltando-se, logo, o perigo por trás de uma versão única da história sendo contada, sendo ela reproduzida ao longo dos anos e tornando ainda mais invisível a existência da mulher negra.

Em suma, a poesia nos permite essa chance de espelhar a luta de mulheres enquanto escritoras e negras na sociedade à realidade de grupos espalhados pelo mundo todo. Essas vozes causam impacto e ressignificam as formas de luta e espaço, uma verdadeira revolução poética. Dessa maneira, a análise de temáticas sociais, culturais, históricas, de raça, classe etc., como a do objeto em questão, aproxima ainda mais o leitor de uma dura realidade que se reproduz por anos, denunciando novas formas de opressão e silenciamento.

2 O PODER E O LUGAR DE FALA: RYANE LEÃO E MEL DUARTE

não serei anônima [...] toda mulher que fala é invencível.

Ryane Leão

No que tange à história, quem possui o direito ao discurso é quem está no centro, ou seja, é quem possui o poder. Nessa significância da linguagem, nem todos eram possuidores da palavra e esse número tende a cair ainda mais quando voltamos o olhar para a figura feminina negra. Na contemporaneidade, em controvérsia, a mulher conquista cada vez mais o seu lugar de direito e passa a assumir lutas de identidade contra a opressão.

A exemplo, a escritora e professora cuiabana, Ryane Leão, no auge dos seus 33 anos de idade, faz um resgate da sua identidade enquanto mulher negra por meio da poesia. A poeta constitui uma nova onda de artistas que vem ganhando destaque no compasso do mundo virtual. Em 2017 a autora lançou seu primeiro fenômeno, pela Editora Planeta, a obra *Tudo nela brilha e queima*, que trata da reunião de poemas de sua autoria. Mas, desde 2008 o mundo tem contato com seu trabalho, seja pelas ruas, através dos famosos lambe-lambes, em saraus poéticos, encontros de *slam*³, em blogs ou nas redes sociais. Em especial, sua página do Instagram e Facebook (@ondejazzmeucoracao) são as responsáveis pelo seu grande número de alcance.

Sua segunda e mais recente publicação ocorreu no ano de 2019, com a obra *Jamais peço desculpas por me derramar: Poemas de temporal e mansidão*. É possível observar uma evolução gradativa de uma obra para outra, na qual a escritora apresenta, em sua primeira publicação, uma poesia mais acessível ao exigido pelo olhar editorial, já na segunda produção, é possível observar um maior contato com

³ Um tipo de poesia de rua que traz em seu repertório os mais variados temas sociais.

assuntos voltados para a orixá do Candomblé, lansã, detalhamentos sobre suas raízes e reflexões mais afetivas, ou seja, temos a Ryane mais presente, mais autônoma.

Paralelo ao seu trabalho desenvolvido com a poesia, Ryane também é professora, estudou Letras na UNIFESP e faz parte da fundação de uma escola de inglês conhecida como Black to Black, um ensino de mulheres negras para mulheres negras, onde é desenvolvido um trabalho não só com a língua, agregando também pensamentos e questões voltadas para o feminismo negro e a cultura afro.

A poesia de Ryane Leão é descoberta com uma marca forte de identidade, ao mesmo tempo em que a autora promove um resgate de suas raízes. É por meio da poesia que Ryane encontra uma maneira de potencializar sua voz, que por anos foi negada diante de um mundo que tanto a silenciou. Como diz a escritora, “a poetry é sua chance de ser nua e crua, sua arma de combate”.

O crescimento forte dessas vozes ganha cada vez mais novos espaços e reconhecimentos no mundo atual. As vozes e falas de grandes mulheres se compactuam e formam uma luta contra as forças masculinas já estabelecidas.

Assim como Ryane, a escritora Mel Amaro Duarte, apesar de apresentar uma relação desde muito cedo com a poesia, faz parte dessa leva de escritoras que se auto descobriu apenas no momento em que pode ter contato e entendimento da existência literária de outras escritoras negras. Duarte inicia carreira no mundo do slam e marca sua luta por meio do ativismo, reafirmando a negritude numa voz que ecoa e traz para os seus poemas uma visão diferenciada sobre o sujeito de quem se fala, armando-se contra os padrões sociais e o próprio conservadorismo da nossa sociedade: “[...] Seu discurso machista machuca / e a cada palavra falha / corta minhas iguais como navalha / ninguém merece ser estuprada” (2016, p. 55).

A slammer e produtora cultural nasceu na primavera de 1988 em São Paulo (SP) e antes de mergulhar no mundo literário já havia atuado na sua área de formação, Comunicação Social. Em 2013 publica *Fragmentos Dispersos*, seu primeiro livro que reúne poemas deveras intensos e abre caminho para uma grande fortuna literária. Somando a suas últimas 6 publicações, a saber: *As Bonecas Da Vó Maria* (2018), *A Descoberta Do Adriel* (2020), *As 29 Poetas Hoje* (2021), *Negra Nua e Crua* (2016), *Querem Nos Calar: Poemas Para Serem Lidos Em Voz Alta – uma antologia* (2019) e *Colmeia* (2021).

Dentre suas premiações, Duarte ganha destaque no sarau de abertura da Festa Literária Internacional de Paraty (FLIP), no ano de 2016 e foi a primeira mulher a vencer o Rio Poetry Slam (campeonato internacional de poesia falada). No ano seguinte, recebe o convite para representar a literatura brasileira no Festilab Taag, em Luanda, Angola e em 2019 foi a primeira slammer negra brasileira a lançar um disco de poesia falada intitulado “Mormaço- Entre outras formas de calor” que está disponível em todas as plataformas musicais. Além de integrar, durante quatro anos, a coletiva Slam das Minas SP, batalha de poesias autorais voltada ao gênero feminino.

Ambas as escritoras promovem, por meio da poesia, um trabalho voltado para o enfrentamento histórico da escrita negra dentro da literatura, em teor de denúncia, ou seja, descritivo dos sentimentos atrelados a suas raízes e identidades, que estiveram envoltas de um sistema opressor da mulher e do lugar de fala do qual foram negadas. Mas, afinal, quais vozes são essas, ou melhor, o que seria esse lugar de fala, antes tão marcado por um único lado: o masculino. Ribeiro (2017), em seu livro *O que é lugar de fala?* vem nos dizer que

é preciso dizer que não há uma epistemologia determinada sobre o termo lugar de fala especificamente, ou melhor, a origem do termo é imprecisa, acreditamos que este surge a partir da tradição de discussão sobre feminist stand point – em uma tradução literal “ponto de vista feminista” – diversidade, teoria racial crítica e pensamento decolonial. As reflexões e trabalhos gerados nessas perspectivas, conseqüentemente, foram sendo moldados no seio dos movimentos sociais, muito marcadamente no debate virtual, como forma de ferramenta política e com o intuito de se colocar contra uma autorização discursiva. Porém, é extremamente possível pensá-lo a partir de certas referências que vêm questionando quem pode falar (RIBEIRO, 2017, p. 34).

Ou seja, nesse campo, Djamila reconhece que “lugar de fala” é objeto de disputas antagônicas, e que muitos são os nomes que discutem sobre suas afirmativas. Porém, cabe aqui nos voltarmos para um olhar mais direcionado e que evidencie as relações de raça, classe e gênero como forma de compreender o lugar social ocupado pelo corpo pobre, negro, feminino, indígena, LGBTQI+ e só assim conseguiremos

reivindicar os diferentes pontos de análises e a afirmação de que um dos objetivos do feminismo negro é marcar o lugar de fala de quem as propõem, percebemos que essa marcação se torna necessária para entendermos realidades que foram consideradas implícitas dentro da normatização hegemônica (RIBEIRO, 2017, p. 34).

Nesse sentido, não há como deixar de visualizar as experiências dos corpos subalternizados valorizando o lugar comum, compreendido como o locus social que atravessa as experiências coletivizadas desses corpos. Não se trata, portanto, de afirmar experiências individuais, e, sim, entender como o lugar social que certos grupos ocupam implica em sua existência digna ou miséria.

Nessa concepção, os trabalhos desenvolvidos referente aos lugares de fala colocam em evidência as estruturas sociais que foram além das experiências individuais. É, desse modo, uma retratação das relações sociais de sexo/gênero, raça e classe que surgem de uma perspectiva estrutural. Dito de outro modo, os tipos de opressões e controles que operam, por exemplo, sobre a presença da mulher negra dentro da literatura. Djamila deixa claro que o lugar social além de julgar, é limitante do espaço de ocupação dessas vozes e afirma que

Essas experiências comuns resultantes do lugar social que ocupam impedem que a população negra acesse a certos espaços. É aí que entendemos que é possível falar de lugar de fala a partir do feminist standpoint: não poder acessar certos espaços, acarreta em não se ter produções e epistemologias desses grupos nesses espaços; não poder estar de forma justa nas universidades, meios de comunicação, política institucional, por exemplo, impossibilita que as vozes dos indivíduos desses grupos sejam catalogadas, ouvidas, inclusive, até de quem tem mais acesso à internet. O falar não se restringe ao ato de emitir palavras, mas de poder existir. Pensamos lugar de fala como refutar a historiografia tradicional e a hierarquização de saberes conseqüente da hierarquia social (RIBEIRO, 2017).

Nesse cenário, compreende-se que circulam interesses de poder, no qual todas as pessoas estão inscritas em determinados contextos discursivos, implicando, principalmente, no quadro do saber-poder. Pode se existir fortunas literárias na qual o homem branco criticamente apresenta a noção da mulher negra e do racismo enfrentado, mas ele estará ocupando seu lugar de fala, ou seja, um lugar de privilégio

que sobressai em toda a ideia descrita nas temáticas de lutas femininas negras. Além do mais, essa visão nunca será tão fortemente entendida e defendida quanto pela voz da mulher negra.

Para tanto, a mulher sente as dores e correntezas que carregam e englobam certos grupos femininos. É inegável a sensibilização universal que move todas as comunidades de mulheres quando uma está em perigo. Então esse feminist standpoint não só tem força, como, também, validade.

Visto por outro ângulo, “lugar de fala” é, na verdade, uma representatividade significativa da capacidade possível de pensar esse cenário reconhecendo nele fronteiras com a necessidade de respeito e tolerância. Compreende-se que essa linha tênue da representatividade não apenas limita, mas também possibilita o trânsito entre elas.

Nasce, então, uma construção de mecanismos utilizados contra o sistema e contra o contexto do pós-colonial. Esses mecanismos se evidenciam justamente em torno das vozes forçadamente abafadas de mulheres negras, como Mel Duarte e Ryane Leão, as quais apareceriam como subalternas se estivessem ainda dentro do período colonial, assim como as várias mulheres que estão descritas e espelhadas em suas obras. Uma subalternidade vivenciada e sentida por todas àquelas que não são vistas através da ótica periférica ou marginalizada e, sim, manuseadas pelas mãos do patriarcalismo. Não havia lugar, espaço, opção de fala ou posicionamento para que a mulher subalterna existisse. Como nos diz Spivak (2010): “se, no contexto da produção colonial, o sujeito subalterno não tem história e não pode falar, o sujeito subalterno feminino está ainda mais profundamente na obscuridade” (SPIVAK, 2010, p. 66-67)

Em sua obra nobre do período pós-colonial, Spivak (2010) faz levantamentos que vão de encontro aos pensamentos do Foucault, apontando as condições etnocêntricas e intrínseca à intelectualidade ocidental quando envolve uma relação com a projeção da alteridade, que abarca, também, a própria falta de espaço para falar dos subalternos – o ser é possuidor da voz, do sistema vocálico, não seria a falta de uma voz propriamente dita – sobretudo pela mulher subalterna, que é duplamente calada: “o subalterno como um sujeito feminino não pode ser ouvido ou lido” (SPIVAK, 2010, p. 63).

Visualizando os avanços e os lugares já alcançados pela figura feminina dentro da sociedade, a modo que ocupam cargos e posições, antes resumidos e ligados diretamente ao gênero masculino, é de um estranhamento extremo, se comparados ao contexto da subordinação e do domínio dos dirigentes, na antiguidade. Como seria imaginar a mulher sem oportunidade de produzir seus pensamentos e manifestar-se enquanto principais personagens de acordo com o seu lugar de fala, na maioria das vezes, quando lhe “dão a voz”?

É então que a escrita negra cresce em tamanho e urgência para responder e discutir contra ameaças sociais, raciais e socioculturais de forma a elevar esse poder de voz e garantir um espaço de sobrevivência e potencial. Nessa linha, Conceição Evaristo vem nos dizer que

Se há uma literatura que nos inviabiliza ou nos ficciona a partir de estereótipos vários, há um outro discurso literário que pretende rasurar modos consagrados de representação da mulher negra na literatura. Assenhorando-se “da pena”, objeto representativo do poder falocêntrico branco, as escritoras negras buscam inscrever no corpus literário brasileiro imagens de autorrepresentação. Criam, então, uma literatura em que o corpomulher-negra deixa de ser o corpo do “outro” como objeto a ser descrito, para se

impor como sujeito-mulher negra que se descreve, a partir de uma subjetividade própria experimentada como mulher negra na sociedade brasileira. Pode-se dizer que o fazer literário das mulheres negras, para além de um sentido estético, busca semantizar um outro movimento que abriga todas as nossas lutas. Toma-se o lugar da escrita, como direito, assim como se torna o lugar da vida (EVARISTO, 2005, p. 54).

Mais do que alcançar uma capacidade de se ter voz e de manifestar-se, a literatura da mulher negra busca uma subjetividade do Eu, do corpo-mulher-negra pela própria voz e lugar de fala, sem os respingos e estigmas do patriarcado branco, já que “todos os mitos e estereótipos utilizados para caracterizar a mulheridade negra têm origem na mitologia negativa antimulher” (hooks, 2022, p. 144).

Dessa forma, torna-se possível apontar as aberturas e rupturas que estão atreladas à existência da arte literária, seja às inúmeras possibilidades que a mesma oferece, ou às limitações que envolvem o contexto histórico construído por um cânone. Por esta razão, os avanços e surgimentos de novos olhares em torno das produções artísticas e das temáticas que surgem têm construído uma nova fase dessa literatura. E a escrita da voz negra, na contemporaneidade, alcança novos voos.

3 POESIA E REDES SOCIAIS

*E nesse ato se afirma a mulher que se nomeia, a que fala e que por isso se torna
invencível.*
Ryane Leão

Com a expansão das vozes e, por consequência, do lugar no qual os discursos são produzidos, a literatura ganha novas formas e novos espaços em um mundo globalizado. Uma chamada poesia na ponta dos dedos, causada por uma existência livre e flexível da produção literária no ambiente digital nos dias atuais. Mas como todo cenário representa as noções de lados, ainda falamos de uma literatura ligada à capitalização, como nos diz Gobbo

Entretanto, apesar de tal capitalização ser evidente, é preciso observar que a transformação do ambiente digital em um processo de indissociabilidade com o mercado não deve mumificar todas as obras produzidas sob tal contexto, pois caracterizar a decadência como única influenciadora da criação artística é ter um posicionamento fatalista diante da realidade social e retirar do homem o principal agente movimentador do mundo que o rodeia. E assim como a submissão completa instala a cegueira diante das imposições mercadológicas, o fatalismo também inaugura a cegueira da inatividade, da resignação e, de certo modo, a mesma passividade diante do sistema (GOBBO, 2018).

A literatura ainda mantém prisões com a capitalização, que a partir de então fornece novas cores ao cenário, mas ainda se encontra instalada, assumindo o contexto da atualidade e modificando o conceito de liberdade no modo de circular seus trabalhos e na maneira de produzir determinadas temáticas com o gênero poesia, buscados pelos escritores digitais. Mas essa é uma consequência vinda da relação entre arte e mercado, a qual os artistas, tendo conhecimento, ainda assim, conseguem visualizar um futuro próspero de trabalho e divulgação.

Na contemporaneidade, temos uma geração marcada pela constante influência da tecnologia, das mídias sociais, sobretudo do Instagram. Nesse meio é percebido

um consumismo exacerbado de notícias cotidianas, uma verdadeira enxurrada de informações tem tomado conta da sociedade, que busca, cada vez mais, pela facilidade do acesso, do manuseio e do comodismo possibilitados pelo ciberespaço. Mas, mais do que uma simples promoção de entretenimento e passatempo para a comunidade de uso, as ferramentas e redes digitais servem como espaço amplo de interação social e do contato com a metalinguagem. Nelas todos os tipos, gêneros e cores estão abertamente permitidos ao acesso em defesa (ou não) e mobilização de pontos e ideias que lhe são cabíveis.

Após os avanços marcados pela revolução do século XXI, passamos a lidar com uma sociedade mais aberta às possibilidades de produções e publicações, aberturas fornecidas pela Internet, sem o contato com amarras forçadamente ideológicas. Nessa linha de raciocínio, temos:

Assim, é a partir desse novo fin-du-siècle que vai ser proposto o termo pós-moderno e pouco a pouco ser abandonado seu viés classificatório, para se pensar a produção poética como contemporânea, referindo-a com isso a um presente em que, para o mal ou para o bem, os valores antes considerados idealmente modernos começam a se fragilizar. Assim ocorre com a demanda de autonomia, experimentalismo formal e ruptura com a tradição, associada à crença numa pedagogia utópica da resistência, em que o estético se articulava idealmente com o político. Essa demanda e essa crença, legitimadas pela pretensão ao universal e ao universalizante – dialeticamente harmonizados com o nacional –, motivavam uma luta pela hegemonia em torno do qual se definiam grupos e bandeiras claramente antagônicos. (PEDROSA, 2015, p. 321-322).

Este ponto alto da história promove um espaço de enfrentamento da heterogeneidade das produções poéticas que circulam através das mídias digitais. O homem e a mulher assumem, por igual, uma posição/lugar de fala alcançados por fatores que não limitam ou exercem uma subalternidade no outro. Ou seja, os avanços na garantia de um espaço que não privilegie apenas um dos lados é um grande aliado do contemporâneo e sua literatura, e foi “a partir de fins dos anos 1970 tais motivações excludentes e hierarquizantes passam a ser mais explicitamente reconhecidas como autoritárias e/ou infrutíferas” (PEDROSA, 2015, p. 322).

Antes, o escritor que compunha uma imagem de alguém horas a fio em máquinas de escrever, preocupado com publicações e editoras, hoje abre espaço para um trabalho social que com um clique consegue alcançar, com muita rapidez, um número maior do que o esperado de espectadores, sem deixar de lado uma conquista profissional. No âmbito artístico, especificamente o da literatura, como menciona Ramos e Martins (2018, p. 118)

Também nesses espaços, usuários comuns são consagrados escritores e publicam suas primeiras obras – virtuais e físicas –, passando pelo crivo da crítica contemporânea – o público – e estabelecendo contratos com editoras. É assim que o *Instagram* se tornou para muitos uma plataforma de publicações, compartilhamento e leitura de conteúdos poéticos, formando um público de leitores e chancelando a figura de autores. Ainda que sua proposta inicial se fundamentasse no compartilhamento de fotografias, o constate uso do *Instagram* assegurou à palavra o seu espaço.

Essa forma mais acessível e rápida tem contaminado cada vez mais o público escritor e leitor. Daí, chamando a atenção de editoras que ao observarem a repercussão causada por esses perfis sociais, observam o potencial de vendas e de publicações que o mesmo geraria. A modo que “nota-se que esse fenômeno está

muito mais vinculado à aceitação da produção poética por um público do que ao julgamento de sua qualidade estética” (RAMOS; MARTINS, 2018).

O Twitter, o Facebook, o Youtube o Instagram e outras plataformas similares servem como ferramentas de divulgação de produções textuais, um universo no qual o visual e o verbal dançam de mãos dadas: “imagem e palavra se cruzam, gerando textos ora propagados por redes sociais entrelaçadas que conectam e replicam publicações, como ocorre do Instagram para o Facebook (RAMOS; MARTINS, p. 119).

O perfil @ondejazzmeucoração é de autoria e criação da *instapoeta*⁴ Ryane Leão, que utiliza o Instagram para potencializar e facilitar o acesso a suas criações poéticas, arrastando um público de mais seiscentos e vinte e um mil seguidores no Instagram e aproximadamente cento e oitenta e quatro mil seguidores no Facebook, promovendo poesias que giram em torno do autocuidado, afeto, identidade, cura, ancestralidade entre tantas outras temáticas trabalhadas.

@ondejazzmeucoração é um verdadeiro espaço de acolhimento, um berço fonte de alimento para tantas mulheres, que, por alguma razão se rasgaram para caberem em lugares e pessoas que não lhes serviam, e é no poema: “celebre a mulher / que você está se tornando / não tape os ouvidos / ela está te chamando / ela dança com o fogo /ela é pancada mas também é doce / ela sempre foi sua melhor escolha/ ela é tudo aquilo / que sobreviveu”, que percebemos o quanto os escritos de Ryane lembram as mulheres dos seus dias de fogo e doçura, da sua força e suor, da pele negra. Através desses ambientes que a Leão nos ensina a sermos vulcões sem culpa “você tem vergonha da minha intensidade e eu já não ocupo espaços onde eu tenha que me abreviar” (p. 178). Dessa forma, é válido saber que foi por meio do seu trabalho com as redes sociais, principalmente, que a escritora conquistou o devido reconhecimento com sua poesia.

Em contraste, Mel Duarte, com pouco mais de quarenta e cinco mil seguidores em seu perfil do Instagram @melduartepoesia, lança poemas como forma de sobrevivência e luta, nos lembrando que “toda mulher que escreve é insilenciável”. Uma poeta slammer que também reproduz sua poesia nas redes digitais por meio da textualidade verbal e visual, explorando a voz, o corpo, os movimentos e a escrita.

No perfil @melduartepoesia todas as mulheres sentem-se acolhidas, justamente por ser um espaço que reflete as questões mais intimistas do corpo subalterno, questões difíceis de serem acessadas quando fazemos parte de uma sociedade que culpa e espera da mulher uma justificativa para cada ato. É como comunicar-se a uma voz de multidões, que transmite por todas aquelas que se puseram em silêncio, obrigatoriamente ou não, preenchendo espaços ocupados pelo vazio e nos permitindo manter-nos de pé através de quem nos enxerga. Seu trabalho nas redes sociais é de uma mãe que abraça, acolhe e dá vida.

Todos esses avanços que colocam o sujeito como principal autor frente à suas lutas pelo poder e lugar de fala nos levam a refletir sobre as várias formas de se reinventar e resistir, sem deixar de atender a critérios e exigências da sociedade humana. No lugar de discurso ocupado por esses perfis digitais já mencionados, os indivíduos estão “condicionados a uma construção autobiográfica, delineada pelos arquivamentos que realiza, seja de fotografias, de vídeos, de links ou de textos verbais” (RAMOS; MARTINS, p. 119). Como veremos adiante ao complemento desta ideia, pois

⁴ É um escritor que utiliza as redes sociais, notadamente o Instagram, para produzir conteúdo literário.

é produzida uma escrita indiretamente colaborativa, pautada em múltiplas semioses, que se cruzam hiper e intertextualmente, em que constante coautoria com seguidores, por meio de **comentários** e **curtidas** ou de publicações de conteúdos de outros perfis. Esse procedimento sugere um rastro de leituras e escritas do outro e, portanto, vestígios de atualização. Concomitantemente, tem-se a consolidação da própria autoria dessas textualidades (fotografias, vídeos, mensagens verbais): o texto é escrito e publicado por determinado dono de perfil, o seu autor; posteriormente, **seguidores-leitores** sinalizam sua leitura, marcando-as, com **curtidas** e/ou **comentários**. Cada autor publica, assim, seus conteúdos, que, virtualmente, ficam encapsulados na materialidade textual compartilhada, atualizando-se, no ato da leitura, na interação com seus receptores. Assim, subjetivamente se entrelaçam (RAMOS; MARTINS, p. 118).

No Instagram, existe uma relação de entrelaçamento estabelecida entre texto-autor-leitor que trabalham em conjunto a modo de alcançar uma noção de autoria. Desse modo, essa literatura digital marca uma ligação na construção da textualidade, fomentada por uma espécie de rubrica, na qual o autor assume sua autoria ao produzir e publicar em seu perfil, mas, possibilita um tipo de coautoria, uma vez que seus seguidores-leitores têm a capacidade e liberdade de levarem os mesmos trabalhos produzidos pelos autores até os seus próprios perfis.

Por estas razões, é pensado em toda a estrutura por trás do gerenciamento de um perfil nas redes sociais. Pois todos os trabalhos com o apoio dos mecanismos de divulgação colaboram para a somatória de um público, sua recepção e engajamento. Visto que “é na participação humana que as relações de autoria se formam” (RAMOS; MARTINS, p. 131).

O perfil das redes sociais de Ryane e Mel trabalham a interação com o seu público, no qual as autoras apresentam materiais que vão além das produções poéticas, fazendo divulgações de trabalhos e participações em eventos, arrastando seu público leitor para além das telas e das obras propriamente ditas. Muitas vezes promovendo poesia nas ruas, esta valorizada pela realização do slammer, trabalho direcionado à autora Mel Duarte. E o lambe-lambes, promovido por Leão. “O autor do século XXI também é publicitário. Fora do ciberespaço, frutificam obras impressas e de grande vendagem; unem-se os extremos da virtualização e da atualização – uma resposta inquestionavelmente humana.” (RAMOS; MARTINS, p. 131).

Nessa perspectiva, o gênero poesia ganha espaço inovador por meio da tecnologia e a imersão da sociedade na cibercultura, principalmente em redes sociais, e mesmo a poesia não sendo originária da tecnologia – pois ela antecede essa evolução – a intensidade desta nova realidade propicia uma maior atividade comunicativa, possibilitando o acesso, a produção e reprodução aos mais diversos contextos e não restringindo a sociedade somente às poesias disponíveis em livros e antologias.

Ademais, o conceito de literatura passa a ser concebido por novos métodos, adquirido novas identidades. Então as produções poéticas ultrapassam os limites físicos e conquistam esse espaço graças à introdução das redes sociais, que torna-se um ambiente independente de produção e publicação dessas obras. Vizualizando que “esse novo espaço virtual de convívio social, gerado pelas redes de computadores, funciona como um novo meio ambiente de interação e propagação de informações em seus diversos aspectos” (SANTANA; SOUZA; FERREIRA; SILVA, 2019).

4 ESCRITA DA RESISTÊNCIA DE MULHERES NEGRAS: UMA LEITURA DE MEL DUARTE E RYANE LEÃO

Os poemas da escritora Mel Duarte a serem analisados reforçarão a construção do percurso aqui trilhado, deixando de lado olhares e vozes que, por anos, tornaram invisível a mulher-corpo-negro fonte de mercadoria, privando-a de ocupar os espaços dentro e fora da literatura. Mas, como dito pela autora “aqui estamos nós, donas de nossas próprias palavras, revolucionárias do cotidiano, regando a terra outrora batida por nossas antepassadas, firmando nossas pegadas” (DUARTE, 2019, p. 84).

Nos poemas “Menina Melanina” e “Magia”, contidos na obra *Negra Nua e Crua*, encontraremos a figura de gerações de mulheres sendo transmitida por uma voz que busca perpetuar a existência de suas raízes. Mas, principalmente, uma voz de reconhecimento e poder do sangue e empoderamento negro. São escritos que representam uma voz universal que, apesar de tratar-se de mulheres negras que possuem o atributo do lugar de fala, ainda assim, estão em confronto e reivindicação ao silenciamento que buscam impingir sobre todas nós, mulheres.

Assim, também, nos depararemos com tal realidade nos poemas da Ryane Leão. “Identidade” e “Meu recado as mulheres”, presentes na obra *Tudo Nela Brilha e Queima*, são instrumentos de luta e de enfrentamento do dia a dia, evidenciando marcas de mulheres negras em seus ofícios de corpo, voz e escrita. Gritos de gerações interrompidas e subalternizadas e que, agora, alinham-se a uma força celestial e ancestral para dar espaço à liberdade da existência negra.

Nessa linha de raciocínio, é posto à tona a força que é erguida quando uma mulher dentro da sua realidade expõe suas vivências por meio da literatura, desconstruindo os conceitos e podendo, ela mesma, apresentar sua versão além dos discursos de poderes já construídos e formados.

Outrossim, a grande força virtual de publicações por meio de redes sociais - com relevância na plataforma do Instagram - que vem potencializando vários nomes da literatura de forma prática. O trabalho desenvolvido aborda o universo digital, mais precisamente as versões de perfis que ganharam espaço e reconhecimento por meio de ferramentas que impulsionam o trabalho e a liberdade de voz em tempo real. Cada vez mais os escritores, e até mesmo aqueles que ainda não são consagrados, têm migrado para o ciberespaço, visualizando uma maior repercussão de seus trabalhos através das redes sociais, um cenário que foge das burocracias adeptas do mundo editorial, trazendo à tona mudanças significativas para os conceitos sobre literatura e os textos literários.

Sabendo que o apagamento da mulher negra atinge também sua estética, o poema “Menina Melanina” da escritora Mel Duarte, que introduz a análise aqui proposta, nos grita uma aula de empoderamento marcada pelo eu- lírico-poético-político, que tece um processo de incerteza e descoberta do corpo-negro homogêneo nos versos da primeira estrofe, mas que reconhece a beleza da mulher real nas construções seguidas, quando chama nossa atenção para uma mulher que vai à luta e que tem voz diante de situações que se revelam assustadoras. Vejamos:

Figura 1 – Exemplo de Figura

Menina Melanina

Passou por incertezas
 Momentos de fraqueza
 Duvidou se há beleza
 No seus olhos escuros,
 Seu cabelo encrespado,
 Sua pele tom noturno,
 Seu gingado erotizado.

Algumas por comodismo não se informam, nem vão atrás
 Pra saber da herança que carregam, da força de seus
 ancestrais!

Preferem acreditar que o bom da vida é ter um belo corpo
 e riqueza

E que chegará ao ápice de sua carreira quando se tornar
 a próxima Globeleza.

Preta:

Mulher bonita é a que vai à luta!
 Que tem opinião própria e não se assusta
 Quando a milésima pessoa aponta para o seu cabelo e ri
 dizendo que ele está "em pé"

E a ignorância dessa coitada não a permiti ver.

Em pé, armado,
 Foda-se! Que seja!
 Pra mim é imponência!

Porque cabelo de negro não é só resistente,
 É resistência.

Fonte: (DUARTE, p. 11, 2016).

Dando voz a mulher negra e suas características deslumbrantemente marcantes, a imagem exposta nos revela um ato de expressão que se repete sobre os cabelos crespos, oriundos da raça negra, recriando de forma ritmada a verdadeira face da potência e consciência racial de um cabelo negro.

É curioso perceber que desde o próprio uso do título “Menina Melanina” já existe uma forte marca de resistência e descoberta, aqui a autora poderia simplesmente ter optado pelo uso da palavra “mulher”, mas traz como representação a “Menina”, que por sua vez reflete o imaginário para um corpo frágil, em processo de amadurecimento, sem conhecimento de sua potência e de se enxergar melanina, assim como suas ancestrais.

Quando pensamos no conceito já posto aqui sobre o lugar de fala segundo a Djamilia Ribeiro (2017), interpretamos esse lugar sendo assumido pelo eu-lírico no poema acima, no qual ele rompe com as noções de uma hierarquia estruturada e faz com que o outro entenda a visão real do que é ser preta, do que é carregar o sangue negro e as suas belezas inefáveis, mas tão difíceis de interpretação, estampadas no rosto, corpo e indo de encontro aos cabelos de uma preta, desconstruindo a visão sem propriedade do outro sobre aquilo que não lhe veste: “Quando a milésima pessoa aponta para o seu cabelo e ri dizendo que “Ele está em pé”.

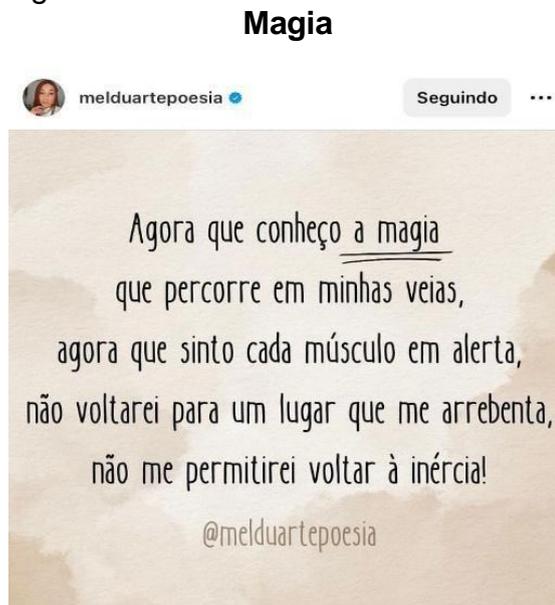
Ademais, temos conhecimento sobre a imagem de empoderamento que passa tantas figuras negras quando o assunto é o cabelo, Mel Duarte e Ryane Leão são exemplos desses nomes, as autoras que assumem suas grandiosidades, abusando de forma impecável da beleza de seus cachos, assim como o eu-lírico do poema, ressignificam a visão sobre os cabelos crespos.

Para aqueles que não fazem parte do grupo de mulheres afrodescendentes, é fácil a manipulação dos conceitos de beleza imposto pelo sistema patriarcal, estes que atingem de forma desumana e inaceitável aquelas possuidoras de um poderosíssimo cabelo armado. Partindo daí, vemos, por anos, mulheres negras negando a si e as suas raízes, e, infelizmente, cedendo aos padrões brancos, desarmando seus cachos negros e negando sua verdadeira imagem.

Mas, é essa chama que o eu-lírico provoca, uma chama em forma de lembrete: “E a ignorância dessa coitada não a permite ver / Em pé, crespo, [...] Pra mim é imponência / Porque cabelo de negro não é só resistente / É resistência.” E essa resistência. Não se aplica apenas para todas as mulheres negras, mas, também, para os olhos de apontamento que nada sabe sobre a dor que escorre pelas veias daquelas que precisaram e ainda precisam lembrar a todos de sua existência, seja pela cor da pele, seja por espaços negados, seja por anos de voz silenciada, seja pelo cabelo em pé. Todos esses tópicos mencionados resumem uma única palavra: resistência.

Na sequência, temos um segundo poema da Duarte, que por sua vez foi retirado do perfil do instagram da escritora, trazendo uma essência de magia filosófica e poética.

Figura 2 – Exemplo de Figura



Fonte: Disponível em: <https://www.instagram.com/melduarteoesia/>.

Encontramos uma grande liberdade de escrita nas produções de Mel Duarte, a poetisa não está preocupada com o padrão formal dos grandes sonetos e poemas renomados. E quando falamos da imagem de Instapoemas, notamos que essa provocação mais livre é o que torna visualmente atrativo cada post.

Na figura indicada, observamos uma única estrofe que informa em tamanha rapidez aquilo que objetiva, esse é um entre tantos benefícios trazidos pelas publicações em redes sociais, na internet. A recepção ocorre de forma imediata, seja positivamente ou não.

No primeiro verso temos a palavra “magia” em destaque, o que nos leva a pensar sobre seu significado, que, segundo o dicionário virtual, refere-se: arte, ciência ou prática baseada na crença de ser possível influenciar o curso dos acontecimentos e produzir efeitos não naturais, valendo-se da intervenção de seres fantásticos e da manipulação de algum princípio oculto supostamente presente na natureza, seja por meio de fórmulas rituais ou de ações simbólicas. Partindo desse conceito, a “magia” aqui posta cria justamente essa construção que se baseia nas práticas de outras mulheres, um tipo de corrente e força negra, ancestral, que torna-se um mantra para suas gerações.

No poema trabalhado, o eu-lírico se mostra em descoberta da própria força e capacidade de ser uma voz ativa, quebrando o padrão estereótipo que coloca a mulher negra como subalterna. Como já visto, os subalternos são seres que estão sob a ordem de outrem; na sombra; dito como inferior ao outro. E por muitos anos as mulheres negras foram forçadamente arrastadas para dentro desse conceito, vivendo à mercê de homens brancos que se auto denominavam sujeitos universais, auto centrais Mas, a voz do poema que encontra-se no nível máximo de sua descoberta, agora reconhece a sua magia, que podemos denominar como a voz de suas ancestrais, lhes ditando alarmes através de veias e músculos, maneiras de escaparem das correntes, das forças opressoras.

E, finalmente, essa descoberta toma as rédeas quando grita: “não voltarei para um lugar que me arrebenta, não me permitirei voltar à inércia”.

Nessa segunda etapa, os poemas selecionados são da escritora Ryane Leão, dando continuidade a nossa busca por produções que evidenciam a voz da mulher negra, promovendo uma experiência de escrivência e marcando uma caminho de empoderamento e resistência, atrelados às forças ancestrais.

Figura 3 – Exemplo de Figura

Meu recado às mulheres

meu recado às mulheres

contem

suas histórias

descubram o poder

de milhões de vozes

que foram caladas

por séculos.

Fonte: (LEÃO, p. 11, 2017).

O poema selecionado é formado por uma única estrofe, contendo sete versos e sendo escrito de forma livre e despreocupada, não contém rimas e nem apresenta pontuação, com a exceção de um ponto final, também não possui título. Apresentando uma forte marca de identidade, fugindo dos padrões estéticos e normativos.

É interessante perceber a angústia retratada na voz do eu-lírico ao ler o poema, como se a escritora tentasse acender a voz de outras mulheres por meio de um desespero e desconforto, sabendo ela o quanto já haviam sido silenciadas, o quanto suas ancestrais perderam por anularem o reconhecimento do lugar que ocupavam, por não deixarem-nas livre das amarras, por terem sido censuradas no corpo, no artístico e na vida.

Neste poema Ryane consegue se aproximar do leitor, se colocando ao seu lado através de versos simples e certos como uma flecha que invade e logo já o toma por uma inquietação e vontade de mudança, um grito que não consegue e nem deve ser contido. A linguagem coloquial e cotidiana presente faz com que esse encontro imediato seja facilitado, como uma conversa que acontece de forma despreocupada ao cair da noite de um sábado chuvoso. É, na verdade, como um sopro de uma brisa leve, tocando e desbravando cada canto do outro.

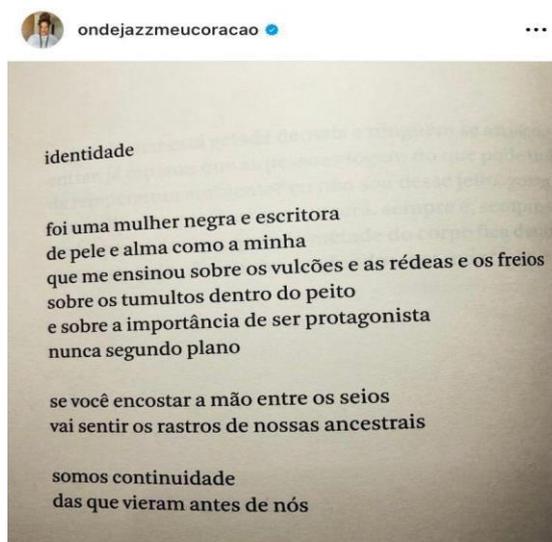
Ela denota saber que as que a leem devem ouvi-la de forma a se espelharem, a seguirem sua voz, por isso que esse recado chega em formato de convite, um convite poético que tira essas mulheres para dançar e lhes mostram a potência da poesia, da escrita, colocando a poesia como uma arma potente.

Essa arma pode salvar não apenas quem escreve, mas também quem a recebe, fazendo com que mulheres movam-se, tomem fôlego e encontrem um caminho que grite não apenas uma história, mas a de todas àquelas que vieram antes de nós e não puderam fazer mais, não puderam ganhar reconhecimento por meio das palavras, não puderam nos contar suas marcas de forma um pouco menos áruas: “Maya Angelou / dizia afiar o lápis / em suas cicatrizes / antes de escrever / é assim mesmo / a poesia estanca a minha ferida/ e a de quem lê”.

Por último, temos o poema “Identidade”, que foi retirado do perfil do instagram da escritora Leão.

Figura 4 – Exemplo de Figura

Identidade



Fonte: Disponível em: <https://www.instagram.com/ondejazzmeucoracao/>.

Quando falamos da escrita de Ryane, estamos falando, primordialmente, de uma escrita de identidade, marcada por dores que escorrem no papel e acertam diretamente quem as lê. Assim como estamos falando de força, de resgate e resistência. “Identidade” é um acerto absurdamente visceral. Escrito em três estrofes que se distanciam em tamanho e somam dez versos livres, o poema em discussão expressa dores de um caminho de sobrevivência.

Nele o eu-lírico se coloca entre o ontem, o hoje e o amanhã, traçando essa fina linha que percorre o passado, permite o presente e dá voz ao futuro. É uma conversa íntima e, ao mesmo tempo, escancarada entre gerações. Notamos que esse diálogo é capaz de salvar quem vem por último, no caso, as vozes do futuro, visto o percurso percorrido por todas aquelas que vieram antes e foram contadas pelas mãos das que aqui estão, reencontrando no passado forças para não apenas resistir, mas, sim, existir. E, sobretudo, construindo um terreno fértil e seguro para as vozes do futuro: “escrevendo para aquelas que no meio das horas sentem uma pontada forte lá dentro, aquela pontada que diz que estamos perdidas, aquelas que respiram fundo quando o pensamento invade [...]” (p.122, 2017).

Nos seis primeiros versos apresentados, essa “identidade” é revelada por uma mulher negra e escritora, que traça o trajeto de vida das demais, capaz de passar a confiança, conforto e preparação que as gerações futuras iriam precisar para enfrentarem com punhos cerrados os obstáculos de uma sociedade opressora.

Na quinta linha, que diz: *e sobre a importância de ser protagonistas*, a autora reforça o fato do protagonismo e da necessidade de tomar à frente, as forças e as rédeas, nada mais é do que assumir o seu lugar de fala, enxergando-o na ponte percorrida e construída em cima do sangue e suor das suas ancestrais.

Agarra-se às ancestrais é o ponto alto deste poema, é um ressaltar da importância deixada pelas raízes das que foram subalternizadas, pisoteadas pela voz do patriarcado, silenciadas por existirem em um corpo-mulher-negra. “Se você encostar a mão entre os seios, vai sentir os rastros de nossas ancestrais”, e é exatamente esse corpo, essa pele, são os sentimentos por entre esses seios que revelam as maiores armas de combate.

“Identidade” demonstra o avanço já alcançado pelas mulheres negras que assumem seus devidos lugares de fala e que hoje escrevem sobre as gotas de sangue derramadas pelas suas ancestrais, possibilitando a existência de mulheres ocupando espaços na literatura, nas redes sociais, movimentando um mundo completamente tomado pela mudança e a inovação e dando continuidade as infinitas histórias daquelas que um dia não puderam levantar suas vozes.

Ademais, observamos que a figura é uma fotografia retirada do livro *Tudo Nela Brilha e Queima* e publicada no perfil do Instagram @ondejazzmeucoração, a modo de alcançar um público maior e promover seu trabalho de maneira rápida e sem custos. As redes sociais abrem caminho para uma grande procura das obras literárias, tendo em vista que elas fornecem um pequeno spoiler destas obras, despertando no leitor o interesse de possuir em mãos ou ferramentas digitais, a exemplo do kindle, as produções divulgadas. Se pararmos para pensar, é uma estratégia de mercado que funciona, e por mais que os números de vendas dos livros em questão não se movimentam, a leitura e o acesso a essas criações não deixam de ocorrer.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo aqui proposto dispõe de uma conclusão do universo inenarrável que é a existência e resistência da poesia negra no cenário dentro e fora das redes sociais. Nessa descoberta, nota-se que são tamanhas as barreiras derrubadas quando visualizamos a mulher negra e revolucionária assumindo tais posições e espaços. E a escrita que grita resistência nas vozes de Mel Duarte e Ryane Leão são, na verdade, vozes universais aclamadas por dores abafadas nesse processo de se enxergar mulher através de uma cultura literária que nega a sua existência, que são vistos em cada versos e estrofes aqui construídos. Sem deixarmos de considerar a forte contribuição dos movimentos de identidade racial através desse eco negro para com a literatura contemporânea e marginal, marcada por um espaço de fala e escuta.

As análises dos poemas já mencionados caracterizam a existência não de uma Sororidade, mas, sim, de uma Dororidade, como diz-nos Piedade (2017). Esta que vem nos apresentar sentimento de vazio, dor e falas silenciadas - que cresce e firma-se -, todas elas de cor preta. As produções de Ryane e Mel fortalecem a união das mulheres pretas através da dor, tornando significativa tão quanto provocativa e potente suas lutas antixismo, antirracismo e descoloniais.

Além do mais, se fazendo presente em vozes de todas as gerações e grupos, tendo em vista que movimentam realidades que são sentidas em pele e vida, independentemente da cor que cada um carrega. Sim, defendemos aqui que quando tratamos do lugar de fala no contexto já transmitido, a mulher negra está inserida como sujeito central desse cenário, sabendo elas onde e como a dor aperta, mas as temáticas e acontecimentos que essas vozes evidenciam movimentam toda uma sociedade, ou melhor, deveria movimentar. Deveriam tornar inquieto e quase que vital a comoção em massa de fatos tão duros. E nesse marco existencial, ninguém deveria soltar a mão de ninguém.

Nota-se, também, que as vozes das autoras reivindicam a devolução da humanidade do corpo-negro, da memória apagada de suas ancestrais, assim como do lugar social e político que não se constituíram através do direito. É árduo pensar, mais difícil ainda vivenciar na pele e no suor o choro das Marias, Severinas, Joanas, Conceições, Firminas, Duartes, Ribeiros, entre tantas outras que tiveram o sangue derramado e a dignidade ceifada.

Conclui-se, por fim, que as análises construídas são, sem dúvidas, um momento de profunda reflexão para o leitor, fazendo nascer um sentimento de empatia e doação pelas causas e temáticas levantadas. Ainda mais quando esse público receptor é composto por mulheres de todas as cores, gêneros e raças que não limitam o ser-mulher, que não impedem a existência de um todo. E saberemos o que é assumir esse papel quando nos reconhecermos dentro das palavras certas de Virginia Woolf (1982, p. 198) que diz-nos: “O que é uma mulher? Eu lhes asseguro, eu não sei. Não acredito que vocês saibam. Não acredito que alguém possa saber até que ela tenha se expressado em todas as artes e profissões abertas à habilidade humana”.

REFERÊNCIAS

- DAVIS, Angela. **Mulher, Raça e Classe**. Tradução Heci Regina Candiani. 1.ed. São Paulo: Boitempo, 2016.
- DUARTE, Mel. **Negra, nua, crua**. São Paulo: Ijuma, 2016.
- EVARISTO, Conceição. Literatura negra: uma poética de nossa afro-brasilidade. Scripta, Belo Horizonte, p. 17-31, 2º sem. 2009.
- GOBBO, Maria Carolina Nunes. A poesia na internet: superação da decadência ou uma ilusão perdida?. 2018.
- HOOKS, Bell. **Anseios: raça, gênero e políticas culturais**. Editora Elefante. 2019.
- HOOKS, Bell. **E eu não sou mulher? Mulheres negras e feminismo**. Tradução Bhuvi Libanio. 11. ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2022.
- LUKÁCS, György. Arte livre ou arte dirigida? In: Marxismo e teoria da literatura. São Paulo: Expressão Popular, 2010. p. 267-288.
- LEÃO, Ryane. **Tudo nela brilha e queima**. São Paulo: Planeta do Brasil, 2017.
- MELLO, Ana Gláucia C. Metodologia de Pesquisa. Palhoça: Unisul, 2006.
- MARTINS, Analice; RAMOS, Penha. Reflexões sobre a rede social Instagram: do aplicativo à textualidade. Texto Digital, Florianópolis, v. 14, n. 2, p. 117-133, jul de dez de 2018.
- PEDROSA, Cecília. Poesia e crítica de poesia hoje: heterogeneidade, crise, expansão. Estudos avançados, Rio de Janeiro, v. 29. p. 321-333, 2015.
- PIEPADE, Vilma. **Dororidade**. São Paulo: Editora Nós, 2017.
- RIBEIRO, Djamila. **O que é lugar de fala?** Belo Horizonte: Letramento: Justificando, 2017.
- SPIVAK, 2010. Pode o subalterno falar? Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2010.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, a Deus, que me concedeu a sabedoria e energia necessária para concluir este trabalho e enfrentar todos os desafios da graduação.

Agradeço a minha orientadora e professora, Silvana Oliveira, que durante meses me acompanhou com toda paciência, me dando todo auxílio e suporte necessário. Sem você nada disso seria possível, obrigada por abraçar minha ideia e por acreditar nela, obrigada por ser um exemplo de profissional para mim, por ter sido alguém que me deu a mão durante toda a graduação, te encontrar em cada disciplina sempre foi um presente e satisfação.

Agradeço a minha Mãe, que sempre foi meu maior incentivo e motivação, que batalho arduamente para me permitir realizar os meus sonhos, abdicando muitas vezes dos seus próprios desejos, que foi minha escuta nos dias difíceis e nunca deixou de acreditar na minha capacidade e, melhor ainda, esteve lá para me lembrar dela. Mãe, muito obrigada por ser tão extraordinária, eu te amo.

Ao meu padrasto, Cícero, que com seu jeito fechado sempre fez o seu melhor para atender às minhas necessidades, imprimindo meus materiais de estudo, me ajudando financeiramente, se preocupando comigo. Obrigada por tanto cuidado, você foi fundamental nessa caminhada.

A minha Avó, dona Ana, que sempre me recebeu de braços abertos depois dos dias mais turbulentos, me embalando em longas horas de massagens e mimos, que sempre soube exatamente as palavras que acalmariam meu coração, me fazendo descansar enquanto sua voz doce me cobria.

Aos meus irmãos, Lucas Kayke e Tainara Tais, eles que estiveram comigo durante todas as fases da minha vida, sempre sendo abrigo e refúgio. Que durante o processo da graduação sempre me arrancaram do peso da rotina, fosse com conversas bobas, brincadeiras ou momentos de descontração. Os primeiros a abraçarem às minhas decisões, até as mais banais. Que compartilham e vibram cada respirar meu, os meus dois laços e elos mais fortes. Que sempre estiveram na plateia me aplaudindo de pé. Amo vocês, mesmo com todas nossas diferenças.

Agradeço a minha noiva e companheira, Aline Moraes, por toda compreensão, respeito e apoio, pelas incontáveis noites e horas que me dedicou, pelas caronas até à universidade, pela presença sempre tão necessária, por aguentar meus dramas e minhas frases nada motivacionais quando tudo estava prestes a desabar, por secar minhas lágrimas e me mostrar o melhor das piores situações. Obrigada por todo amor e incentivo, sem você nada disso estaria acontecendo. Te amo!

Aos meus amigos e companheiros de curso, Josiele da Silva e Rafael Ademar, por terem tornado esse processo um pouco mais leve. Obrigada por todos os momentos de aprendizado e descontração compartilhados juntos, por me acolherem, por terem me ajudado dentro e fora da universidade e pelas vezes que me escutaram e me deram os melhores conselhos, me fazendo não desistir. Me inspiro em vocês.

Por fim, a todos os envolvidos que não foram aqui citados, mas que fizeram parte, diretamente ou indiretamente da realização deste projeto. Meu muitíssimo obrigada a cada um.